

PremieRpet®

CRIADOR

A REVISTA DO CRIADOR



BENEFÍCIOS DO AUMENTO DA INGESTÃO HÍDRICA EM GATOS

MEDICINA VETERINÁRIA NA PRÁTICA

Benefícios do aumento
da ingestão hídrica
em gatos

pág. 6

PremieRpet® NEWS

A tecnologia por trás das
embalagens da indústria *pet food*

pág. 22

ENTREVISTA ODMAR E PATRÍCIA

Apaixonados, dedicados aos
animais e referência na criação de
Golden Retriever e Bernese

pág. 26

04

CARTA AO LEITOR

06

MEDICINA
VETERINÁRIA
NA PRÁTICA

Benefícios do
aumento da ingestão
hídrica em gatos

14

NUTRIÇÃO PET

Particularidades
nutricionais de felinos

22

PremieRpet®
NEWS

A tecnologia por trás
das embalagens da
indústria *pet food*

26

ENTREVISTA

Odmar e Patrícia,
apaixonados, dedicados
aos animais e referência
na criação de Golden
Retriever e Bernese

P

C

Prezados leitores,

Nesta edição da Revista do Criador PremieRpet®, a *Medicina Veterinária na Prática* traz uma matéria sobre "Benefícios do aumento da ingestão hídrica em gatos", escrita pelo M.V. MSc Flavio Lopes da Silva, que aborda a importância de estimular a ingestão hídrica para a saúde dos felinos.

A nova seção, *Nutrição Pet*, explora as particularidades nutricionais, metabólicas e fisiológicas dos gatos, demonstrando como é essencial uma alimentação completa e balanceada, a fim de manter a saúde e bem-estar da espécie.

A *PremieRpet® News* discorre sobre a tecnologia e as pesquisas envolvidas na fabricação das embalagens utilizadas na indústria *pet food*.

Na *Entrevista*, os médicos-veterinários Odmar Pereira e sua esposa Patrícia compartilham suas trajetórias como criadores de Golden Retriever e Bernese, além de demonstrarem a paixão e dedicação para uma criação de excelência.

Desejamos uma ótima leitura!

PremieR®

Cookie

Lançamento



Fit



SABOR
FRANGO com
BATATA DOCE



**ASSADOS, NUTRITIVOS
E BALANCEADOS**



**SAÚDE
ORAL**



**PELE E
PELAGEM**



**SAÚDE
INTESTINAL**

6

Benefícios do aumento da ingestão hídrica em gatos

É importante estimular a ingestão hídrica do animal, a fim de reduzir a concentração urinária de formadores do cálculo e, conseqüentemente, o risco de formação e agregação de cristais

M.V. MSc. Flavio Lopes da Silva

Mestre em Medicina Veterinária (Clínica Médica) na área de Nutrição de cães e gatos. Concluiu residência em Nutrição e Nutrição Clínica de cães e gatos no Hospital Veterinário Governador Laudo Natel (UNESP) e possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).



8 **A** água é sempre considerada o nutriente mais essencial à vida, visto que é a substância mais abundante dos seres vivos, constituindo 60 a 70% do peso da maioria dos animais adultos saudáveis. Também é o nutriente mais importante do corpo, considerada primordial para a sobrevivência¹⁻⁴.

Esse nutriente também é imprescindível para que o alimento seja utilizado pelo corpo. A água é, inicialmente, necessária para a mastigação e deglutição do alimento, bem como para a digestão.

"... ainda não existe um consenso para definir as necessidades de água para os gatos. Apesar de toda a sua importância e essencialidade, seu papel nas exigências nutricionais é pouco discutido."



Além dessas funcionalidades, a água corporal atua como isolante, conservando o calor do corpo, devido à sua elevada capacidade de absorver calor^{3,5}.

No entanto, ainda não existe um consenso para definir as necessidades de água para os gatos. Apesar de toda a sua importância e essencialidade, seu papel nas exigências nutricionais é pouco discutido, sendo, geralmente, ignorada nas formulações dietéticas e ofertada para cães e gatos separadamente do alimento⁶.

Atualmente, mais de 95% dos alimentos comerciais para gatos no Brasil são alimentos secos extrusados. Estes apresentam baixíssima umidade, usualmente inferior a 10%, como forma de conservação e para que apresentem crocância adequada⁶.



10 A baixa ingestão de água via alimento causa diminuição do volume urinário^{7,8}, que propicia aumento na concentração de componentes sólidos e, juntamente com a diminuição da frequência de micção, pode ocorrer a formação de cristais e cálculos^{9,10}. Dessa forma, é importante estimular a ingestão hídrica do animal, a fim de reduzir a saturação urinária e, consequentemente, o risco de formação e agregação de cristais, que poderiam culminar na formação dos cálculos.

As estratégias que podem ser adotadas incluem facilitar o acesso e saborizar a água; adicionar água ao alimento seco; aumentar o número de vasilhas de água disponíveis na casa; e fornecer alimento úmido. O uso de fontes de água vem sendo apontado como um possível método para aumentar a ingestão hídrica^{11,12}. No estudo de Grant (2010), em que foram utilizadas fontes para gatos domiciliados, o consumo de água elevou-se em 37% em relação aos bebedouros, e alguns tutores

**Premier GOURMET GATOS
ATUM E ARROZ INTEGRAL**



ALIMENTOS COMERCIAIS PARA GATOS
no Brasil



MAIS DE
95%
são alimentos
secos extrusados.

E APRESENTAM
MENOS DE
10%
de umidade

"... deve-se sempre deixar a água à disposição dos gatos e estimulá-los a ingerirem."

observaram os animais brincando com a fonte, o que seria outro ponto positivo já que, possivelmente, há envolvimento do estresse e do sedentarismo na recorrência de infecção na bexiga sem uma causa definida¹³.

Instituídas as medidas para aumento da ingestão hídrica, é muito importante acompanhar sua efetividade por meio do exame de

urina. Se os exames permanecerem alterados, significa que as medidas não tiveram o efeito desejado e devem ser rediscutidas com o médico-veterinário.

Portanto, deve-se sempre deixar a água à disposição dos gatos e estimulá-los a ingerirem quando não o fazem de forma voluntária, a fim de evitar transtornos fisiológicos futuros. ■

REFERÊNCIAS:

1. REECE, W.O.: **Dukes: fisiologia dos animais domésticos**, 12ª Ed., São Paulo: Guanabara, 954 p, 2006.
2. WELLMAN, M.L.; DIBARTOLA, S.P.; KOHN, C.W. (2012). **Applied physiology of body fluids in dogs and cats**. In: DiBartola, SP (4th ed.). Fluid, electrolyte and acid-base disorders in small animal practice. Missouri: Elsevier Saunders, 2-23, 2012.
3. CASE, L.P.; DARISTOTLE, L.; HAYEK, M.G.; RAASCH, M.F. **Canine and feline nutrition: a resource for companion animal professionals**, (2nd ed), Missouri: Elsevier, 1-12, 2011.
4. NELSON, D.L.; COX, M.M. Oxidação de aminoácidos e produção de ureia. In: Nelson, D.L. and Cox, M.M. **Princípios de Bioquímica de Lehninger** (6th ed.), Porto Alegre: Artmed, 695-730, 2014.
5. DA SILVA, J.F.C. Mecanismos reguladores de consumo. In: Berchielli, T.T., Pires, A.V., De Oliveira, S.G. (2nd ed) **Nutrição de Ruminantes**, Jaboticabal: Funep, p. 61-82, 2011.
6. NATIONAL RESEARCH COUNCIL (NRC). **Nutrient requirements of dogs and cats**. The National Academy Press, Washington, DC, 2006.
7. ANDERSON, R.S. Water balance in the dog and cat. **Journal of**

- Small Animal Practice**, 23(9), 588-598, 1982.
8. CARCIOFI, A.C.; BAZOLLI, R.S.; ZANNI, A.; KIHARA, L.R.L.; PRADA, F. Influence of water content and the digestibility of pet foods on the water balance of cats. **Brazilian Journal Veterinary Research Animal Science**, 42(6), 429-434, 2005.
9. BARTGES, J.W.; OSBORNE, C.A.; LULICH, J.P.; KIRK, C.; ALLEN, T.A.; BROWN, C. Methods for evaluating treatments of uroliths. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, 29, 45-57, 1999.
10. BARTGES, J.W.; CALLENS, A.J. Urolithiasis. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, 45, 747-768, 2015.
11. FORRESTER, S.D.; ROUDEBUSH, P. Evidence-based management of feline lower urinary tract disease. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, 37: 533-558, 2007.
12. GRANT, D.C. Effect of water source on intake and urine concentration in healthy cats. **Journal of Feline Medicine & Surgery**, 12: 431-434, 2010.
13. BUFFINGTON, C.T.; WESTROPP, J.L.; CHEW, D.J.; BOLUS, R.R. Clinical evaluation of multimodal environmental modification (MEMO) in the management of cats with idiopathic cystitis. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, 8: 261-268, 2006.

Particularidades nutricionais de felinos

Os gatos têm particularidades fisiológicas e metabólicas que determinam as suas necessidades nutricionais

M.V. MSc. Andressa Rodrigues Amaral
& Prof. Dr. Marcio Antonio Brunetto

Centro de Pesquisa em Nutrologia de
Cães e Gatos (CEPEN pet), Faculdade
de Medicina Veterinária e Zootecnia da
Universidade de São Paulo (FMVZ/USP)



"A recente domesticação reflete na conservação de algumas características alimentares de seus ancestrais não domesticados."

Os gatos aproximaram-se dos seres humanos e foram domesticados em função de sua habilidade em proteger as plantações contra pragas que as destruíam, como ratos e pássaros. Naquela época, há aproximadamente 5 mil anos, no Chipre, eles foram considerados os guardiões das colheitas e eram aclamados como santidades¹. Em virtude disso, os gatos tiveram menos tempo para se adaptar à vida doméstica e a um novo estilo alimentar do que os cães, por exemplo, cuja a domesticação pode ter iniciado há 15 mil anos².

A recente domesticação dos gatos reflete na conservação de algumas características alimentares de seus ancestrais não domesticados. Na atualidade, esses

animais são considerados carnívoros obrigatórios, pois seus ancestrais sempre consumiram presas, cuja composição nutricional em macronutrientes tinha a predominância de proteína (por volta de 52%) e gordura (por volta de 46%) em detrimento do carboidrato (por volta de 2%)³. Os gatos ainda preservam tais características de comportamento alimentar que se refletem, portanto, nas suas necessidades nutricionais, as quais se diferenciam em muitos aspectos daquelas de outros mamíferos e, principalmente, do cão⁴.

A princípio, é possível notar que sua maior necessidade em termos de macronutrientes é a proteína, composta por aminoácidos, que são importantes para a composição dos

tecidos e fornecimento de energia⁵. Essa é a primeira particularidade nutricional que os difere dos demais mamíferos. Os estudos sobre sua fisiologia evidenciam que gatos apresentam habilidade limitada em controlar o uso demasiado de suas enzimas digestivas e das que atuam no ciclo de formação da ureia – forma de excreção dos compostos nitrogenados formados a partir da digestão e metabolismo das proteínas, via urina – e, por isso, para que seu organismo as produza, os gatos precisam aumentar a ingestão de aminoácidos, micronutrientes que compõem as proteínas e enzimas e que podem ser utilizados como fonte de energia. É por isso que os gatos são considerados animais gliconeogênicos e isso significa que eles utilizam aminoácidos para produção de

energia, diferentemente de humanos, por exemplo, cuja principal fonte de energia é o carboidrato⁵.

Em virtude dessa diferença fisiológica, as necessidades de proteína, arginina, metionina e cisteína são maiores que as de omnívoros^{6,7}. A alta necessidade de proteínas e aminoácidos reflete, portanto, nos seus hábitos alimentares. A composição nutricional de suas presas antes do processo de domesticação era de 8 a 12 pequenos roedores no período de 24 horas para nutrir-se de forma adequada e, portanto, também pode-se entender o porquê desses animais estarem habituados a comer pequenas porções de alimento várias vezes ao dia⁸.

"Em virtude dessa diferença fisiológica, as necessidades de proteína, arginina, metionina e cisteína são maiores que as de omnívoros^{6,7}."

A taurina também é um nutriente essencial para gatos. Em cães, ela é sintetizada a partir de outros aminoácidos (metionina e cisteína), enquanto os felinos não conseguem realizar essa produção, em função da baixa atividade de outras duas enzimas que fazem essa conversão. A deficiência de taurina em gatos pode causar degeneração de retina, cegueira, cardiomiopatia hipertrófica seguida por insuficiência cardíaca, surdez, problemas de reprodução e má formação em neonatos⁹.

De forma semelhante à taurina, os gatos também não produzem a vitamina A a partir do β -caroteno, não produzem niacina (vitamina B3) a partir do aminoácido triptofano e não conseguem produzir ácido araquidônico a partir do ácido linoleico

(ácido graxo presente nas gorduras). Portanto, necessitam destes ácidos graxos finais prontos na sua dieta, por exemplo, através da inclusão do óleo de peixe⁹. A deficiência desses nutrientes pode, de forma geral, causar perda de peso, descoordenação motora, ulceração de língua, conjuntivite, surdez, fotofobia, catarata, abortos e formação de neonatos frágeis ou com defeitos congênitos⁹.

Por fim, podemos mencionar o carboidrato, macronutriente alvo de discussões polêmicas na nutrição de gatos, uma vez que os felinos são adaptados a dietas com baixos teores deste nutriente e o seu consumo poderia favorecer a hiperglicemia – alta concentração de açúcar no sangue. As evidências científicas



"As evidências científicas apontam que a capacidade de digestão de carboidratos varia entre 40% e valores próximos a 100%."

apontam que, nessa espécie, a capacidade de digestão de carboidratos varia entre 40% e valores próximos a 100%, chegando próximo ao limite superior quando está na forma de amido e este é cozido ou extrusado, como no caso dos alimentos comerciais^{10, 11}. Após ser absorvida, a glicose provinda do amido precisa ser metabolizada através de diversos processos enzimáticos, os quais, assim como os demais mencionados anteriormente, apresentam menor atividade em comparação a animais omnívoros e isso faz com que a glicose se acumule na circulação até que as enzimas tenham tempo para fazer a metabolização^{12, 13}. Entretanto, quando grande quantidade de glicose precisa ser metabolizada, algumas enzimas podem melhorar a sua atividade para compensar essa situação em gatos saudáveis, de

forma que a glicemia pós-prandial se mantenha dentro dos valores de normalidade¹⁴. Até o momento, não existem evidências científicas que suportem a hipótese de que isso é prejudicial a curto, médio ou longo prazo. Ou seja, até que seja provado o contrário, os carboidratos nas quantidades presentes nos alimentos comerciais não trazem malefícios para os gatos.

Os gatos, portanto, têm particularidades fisiológicas e metabólicas que determinam as suas necessidades nutricionais e uma alimentação completa e balanceada deve atendê-las a fim de mantê-los em ótimas condições de saúde. Caso existam dúvidas em relação à nutrição desta espécie, um médico-veterinário especializado em nutrição deverá ser consultado a fim de evitar possíveis deficiências e as suas consequências. ■



REFERÊNCIAS:

1. MONTAGUE, M.J., LI, G., GOLFI, B., KHAN, R., AKEN, B.L., SEARLE, S.M.J. et al. Comparative analysis of the domestic cat genome reveals genetic signatures underlying feline biology and domestication. **Proc. Natl. Acad. Sci. USA**. 111 (48):17230–5, 2014.
2. AXELSSON, E., RATNAKUMAR, A., ARENDT, M.L., MAQBOOL, K., WEBSTER, M.T., PERLOSKI, M. et al. The genomic signature of dog domestication reveals adaptation to a starch-rich diet. **Nature**. 495 (7441):360–4, 2013.
3. VERBRUGGHE, A., HESTA, M. Cats and carbohydrates: The carnivore fantasy? **Vet Sci**. 4 (55):1–22, 2017.
4. GREEN, A.S., RAMSEY, J.J., VILLAVEVERDE, C., ASAMI, D.K., WEI, A., FASCETTI, A.J. Cats are able to adapt protein oxidation to protein intake provided their requirement for dietary protein is met. **J. Nutr**. 138 (6):1053–60, 2008.
5. FASCETTI, A.J., DELANEY, S.J. Feeding the healthy dog and cat. In: FASCETTI, A.J., DELANEY, S.J., editors. **Applied Veterinary Clinical Nutrition**. 1st ed. Hoboken: John Wiley & Sons, Ltd., p. 75–91, 2012.
6. ZORAN, D.L. The carnivore connection to nutrition in cats. **J. Am. Vet. Med. Assoc**. 221:1559–67, 2002.
7. MORRIS, J.G. Idiosyncratic nutrient requirements of cats appear to be diet-induced evolutionary adaptations. **Nutr. Res. Rev.** 15 (01):153, 2002.
8. NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Feeding behavior of dogs and cats. In: **Nutrient Requirements of Dogs and Cats**. Washington, DC, USA: National Academy Press, p. 22–7, 2006.
9. DELANEY, S.J., FASCETTI, A.J. Basic Nutrition Overview. In: FASCETTI, A.J., DELANEY, S.J., editors. **Applied Veterinary Clinical Nutrition**. 1st ed. Hoboken: John Wiley & Sons, Ltd., p. 9–22, 2012.
10. DE-OLIVEIRA, L.D., CARCIOFI, A.C., OLIVEIRA, M.C.C., VASCONCELLOS, R.S., BAZOLLI, R.S., PEREIRA, G.T. et al. Effects of six carbohydrate sources on diet digestibility and postprandial glucose and insulin responses in cats. **J. Anim. Sci.** 86 (9):2237–46, 2008.
11. MORRIS, J.G., TRUDELL, J., PENCOVIC, T. Carbohydrate digestion by the domestic cat (*Felis catus*). **Br. J. Nutr.** 37 (3):365–73, 1977.
12. JERRY, K. J., HARVEY, J.J., BRUSS, M.L. Clinical Biochemistry of Domestic Animals. 6th ed. BRUSS, J.K., MICHAEL, J.H., editors. **Clinical Biochemistry of Domestic Animals**. New York: Academic Press Inc.; 928 p., 2008.
13. HISKETT, E.K., SUWITHEECHON ORN-USA, O.U., LINDBLOOM-HAWLEY S., BOYLE, D.L., SCHERMERHORN, T. Lack of glucokinase regulatory protein expression may contribute to low glucokinase activity in feline liver. **Vet. Res. Commun.** 33 (3):227–40, 2009.
14. TANAKA, A., INOUE, A., TAKEGUCHI, A., WASHIZU, T., BONKOBARA, M., ARAI, T. Comparison of expression of glucokinase gene and activities of enzymes related to glucose metabolism in livers between dog and cat. **Vet. Res. Commun.** 29 (6):477–85, 2005.

A tecnologia por trás das embalagens da indústria *pet food*

M.V. MSc. Flavio Lopes da Silva

Mestre em Medicina Veterinária (Clínica Médica) na área de Nutrição de cães e gatos. Concluiu residência em Nutrição e Nutrição Clínica de cães e gatos no Hospital Veterinário Governador Laudo Natel (UNESP) e possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A indústria de alimentos para *pets* tem investido muito na eficiência de suas embalagens, de modo a atrair o tutor. Anteriormente, esse refinamento esteve focado no apelo visual, visto que muitas vezes esse é o critério adotado na escolha entre um ou outro produto. Atualmente, pode-se afirmar que o mercado tem se atentado não somente à questão de aparência como também à qualidade da estrutura e sustentabilidade da embalagem¹.

A embalagem para *pet food* segue os mesmos regulamentos de especificação de embalagens para outros segmentos alimentícios. A vida-de-prateleira do alimento para animais de estimação é definida de acordo com as modificações de odor e sabor, visto que cães e gatos são extremamente sensíveis às alterações de aroma e paladar. Além disso, desenvolvimento de fungos ou infestação por insetos e roedores também são relevantes no tempo de acondicionamento das embalagens. As reações de degradação do alimento envolvem, além de oxigênio,

24 umidade, microrganismos, insetos e roedores e a interação do produto com as sacarias e pacoteiras¹.

Dessa forma, os principais fatores que definem a vida útil do alimento para os animais são a oxidação, a perda ou ganho de umidade e o desenvolvimento de microrganismos. Logo, a embalagem deve reunir propriedades que protejam o produto de fatores ambientais, ou seja, que possuam uma barreira ao oxigênio, ao vapor d'água e à gordura. Outros requisitos da embalagem estão relacionados ao desempenho de seu material durante o acondicionamento do alimento e na estocagem, podendo ser destacadas as propriedades de resistência à perfuração e ao rasgamento, além da qualidade do fechamento.

É importante lembrar que a embalagem deve ser mantida em local fresco e arejado, afastada das paredes e longe de produtos com forte odor, como os de higiene e

limpeza, que podem alterar o aroma e odor do produto.

Considerando que o alimento acondicionado foi produzido dentro de padrões de qualidade aceitáveis e próprios para o consumo do *pet*, as propriedades mecânicas da embalagem serão as responsáveis por impedir a deterioração por microrganismos, a infestação por insetos e roedores e as propriedades de barreira da embalagem pela qualidade sensorial do produto².

Quanto mais rico em nutrientes o alimento é, maior é a exigência de barreira a agentes externos, aumentando a sofisticação da estrutura da embalagem. A exigência de barreira à gordura também deve ser uma constante, visto que a grande maioria dos produtos para *pets* já possui um alto teor de gordura.

Os polítilenos convencionais e os verdes são as estruturas mais utilizadas para o acondicionamento



dos alimentos secos, devido às suas características de resistência mecânica, barreira ao vapor d'água e barreira à gordura. Cada camada pode ser constituída de um único material ou uma mistura dos dois materiais. O processo de confecção da embalagem também permite uma melhora

das barreiras ao mesmo tempo em que a espessura é reduzida³.

Dessa forma, pode-se concluir que a indústria *pet food* pesquisa e investe muito em tecnologia para que sejam mantidos os padrões de qualidade do alimento oferecido aos nossos *pets*. ■ □

REFERÊNCIAS:

1. OLIVEIRA, L. M.; TEIXEIRA, F.; FIDELIS, D. Embalagens Plásticas para Pet Food: Relação entre Qualidade e Proteção. Boletim de Tecnologia e Desenvolvimento de Embalagens Informativo. São Paulo, ITAL, v. 23, n. 2, p. 1-2, jun. 2011.
2. FERREIRA, R. L. R. Blendas ternárias poliolefinicas em filmes para embalagens de pet food com propriedades de barreira. 2016.
3. OLIVEIRA, L. M.; Junior, I. A. J. Desempenho e conveniência na embalagem plástica para pet food. 2005.

Respeito e referência

Pregando o respeito aos cães, a seleção e o aprimoramento constante, os médicos-veterinários Odmar e Patrícia são referência na criação de Golden Retriever e Bernese

Odmar Pereira e Patrícia

À frente do Canil Chan Chow, em Petrópolis (RJ), o criador e médico-veterinário Odmar Pereira divide com sua esposa Patrícia a paixão e dedicação pelos cães. Atualmente são uma das principais referências na criação das raças Golden Retriever e Bernese no país. Nesta entrevista, Odmar compartilha um pouco de sua trajetória e fala sobre os diferenciais da criação responsável.



Você e sua parceira são médicos-veterinários. Como e quando decidiram ser criadores de cães?

Em 2006 nos casamos e, como a maioria dos médicos-veterinários, sempre fomos apaixonados por cães. Um dia, em um dos nossos atendimentos, esbarramos com uma linda filhotinha de Chow Chow, que estava à venda. Decidimos ficar com ela, o que nos levou a conviver com alguns criadores amigos e a ingressar no mundo da cinofilia e das exposições. Resolvemos montar, então, um pequeno plantel da raça, com intuito de expor e contribuir para o melhoramento genético dela.

Vocês iniciaram as atividades com a raça Chow Chow, tiveram reconhecimento na criação de Bernese e hoje são referência com Golden Retriever. Como aconteceu essa mudança de foco?

Em 2009, em uma fatalidade, perdemos um de nossos Chows preferidos e ficamos muito tristes e desanimados com a situação, o que nos levou a interromper a criação da raça. Nessa mesma época, conhecemos os Berneses em uma exposição e foi amor à primeira vista. Ficamos encantados com a raça por sua grande beleza e o seu temperamento dócil. Meses após esse primeiro encontro, adquirimos nossa primeira Bernese (Aika), que foi uma grande companheira e nos deixou ainda mais apaixonados pela raça. Iniciamos então um novo trabalho de montagem de plantel, selecionando e expondo nossos cães, o que nos rendeu, em 2013, o título de 3º Melhor Canil de Bernese do Brasil pelo ranking *Dog Show*.

Nesse mesmo ano de 2013, uma amiga criadora nos presenteou com um lindo Golden Retriever, pois morávamos perto do mar e gostávamos de levar os cães à praia. Enquanto os Berneses não têm a aptidão para nadar, não curtem água e menos ainda o sol, o nosso “presente dourado” – que resolvemos chamar de Phortus e foi apelidado carinhosamente

de “Amarelo” – era uma loucura, mergulhava, nadava, buscava bolinha dentro do mar, uma interação realmente impressionante. E foi aí que uma nova paixão nos arrebatou! Começamos, então, a criação de Goldens também. Buscamos parcerias com canis de referência, montando, assim, um belo plantel, tendo sempre como norte a seleção e o melhoramento racial. Desde então, criamos essas duas raças.

Como é trabalhar com uma raça que está em evidência e tem sido tão desejada pelos tutores? Quais os desafios do canil nesse sentido?

Por um lado, é extremamente gratificante ver o quanto as pessoas são felizes por desfrutarem das qualidades dessa raça. Por outro, é muito desgastante ver a quantidade de aventureiros que acham que criar é apenas juntar um macho e uma fêmea no intuito de ter filhotes para vender. Criar vai muito além disso, é necessário estudo, investimento e amor para conduzir uma criação com qualidade e, sobretudo, respeito ao bem-estar dos animais. O Brasil é referência mundial na raça Golden Retriever pela qualidade de seu plantel e estamos, sem a menor dúvida, entre os melhores países do mundo na criação dela. Nosso desafio é exatamente esse: criar





cães saudáveis, típicos, corretos, com temperamento adequado, que possam levar alegria a seus proprietários.

31

Como a pandemia vem afetando suas atividades e quais as perspectivas para os próximos meses?

A pandemia deu às pessoas a oportunidade de voltarem as suas vidas para dentro de casa e para as suas famílias. Muitas delas tinham um sonho de ter um cão, mas pela falta de tempo não tinham. Com o "novo normal" e o crescimento do *home office*, em que muitos não precisam mais se locomover para o trabalho fora de seu lar, a possibilidade de realizar esse sonho tornou-se real. Além disso, o cão ajuda muito na educação de crianças ensinando responsabilidades e atribuições. Dessa maneira, a procura por filhotes aumentou consideravelmente. Com isso, a responsabilidade sobre os nossos ombros, enquanto criadores responsáveis, também aumentou. Tivemos que apurar o nosso filtro na seleção dos interessados para evitar a compra por impulso e situações de abandono ou maus tratos. Nossa expectativa é de que as coisas melhorem e possamos voltar a viver com saúde e paz.

"Vejo na exposição a oportunidade de ter meus cães avaliados por árbitros capacitados, que viajam o Brasil e o mundo premiando os melhores cães de cada raça."

Vocês participam de competições e têm cães premiados nas entidades de classe. O que os atrai nesse universo das competições?

Vejo na exposição a oportunidade de ter meus cães avaliados por árbitros capacitados, que viajam o Brasil e o mundo premiando os melhores cães de cada raça. Nas exposições, o padrão da raça é que norteia o julgamento e, por isso, o trabalho de um bom criador é selecionar cães cada vez mais dentro do padrão. É sempre uma excelente chance de obtermos uma opinião imparcial sobre os rumos que a nossa criação está tomando.

Com base em sua experiência de criação, qual o papel da alimentação no desenvolvimento e na qualidade de vida dos cães?

A criação de cães é baseada num tripé: manejo, alimentação e genética. Se um dos três faltar, o tripé cai. Por isso usamos o que há de melhor para eles, e é o motivo de escolhermos e indicarmos, como criadores e médicos-veterinários, a Premierpet® para alimentar todo nosso plantel em todas as fases de vida.

Quais os principais desafios para ser um criador responsável e diferenciado atualmente?

Respeito aos cães, seleção e aprimoramento constante, além de critérios rígidos de saúde para criarmos animais que possam trazer alegria e ter a melhor qualidade de vida possível. Um bom criador não se dobra aos modismos do mercado e sempre deve ter como maior referencial o padrão da raça. ■

PremieR®

AMBIENTES INTERNOS



PremieR® Ambientes Internos Senior: o alimento ideal para cães idosos.

ANTIOXIDANTE

+ Sabor - Sódio

Envelhecimento saudável

Baixo teor de sódio

Cuidado articular

Redução do odor das fezes

Apresentações: disponível em embalagens de 1,0, 2,5 e 12Kg.

PremieRpet[®]
TEMPO DE NUTRIR. DE VERDADE.